

Editorial

## Construindo um Presente Esclarecido pelo Passado

Maria Stella Alcântara Gil<sup>1,\*</sup>

1Orcid.org/0000-0003-4375-3232

Joaquim Carlos Rossini<sup>2</sup>

Orcid.org/0000-0001-6703-7770

José Aparecido da Silva<sup>3</sup>

Orcid.org/0000-0002-1852-369X

<sup>1</sup>Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil

<sup>2</sup>Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil

<sup>3</sup>Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil

O Professor Dr. Richard Horton (2020), editor do renomado jornal médico *The Lancet*, em seu marcante livro *The Covid-19 Catastrophe* disse-nos empaticamente que, ao longo da pandemia, então na sua onda inicial, sentiu-se no meio de uma dramática polarização. De um lado, os cientistas e profissionais de saúde desesperadamente tentando entender a Covid-19 e, do outro lado, os políticos e formuladores de políticas públicas com a responsabilidade de responder à pandemia.

Para ele a Pandemia da Covid-19 foi, é e continua sendo uma pandemia de paradoxos. A maioria daqueles que foram infectados com o novo coronavírus sofreu apenas mais uma doença, sentiram-se, por certo, impactados, mas escaparam de serem abalados, entretanto. Por sua vez, um grande número de pessoas, provavelmente uma em cada cinco pessoas, desenvolveu uma versão dessa mesma doença, desta vez muito mais severa, requerendo cuidados intensivos e ventilação mecânica. Para essa grande parcela de

pessoas, o trauma foi o resultado, e a Covid-19 significou o encontro com a morte.

Pandemia descrita e registrada em termos de estatísticas, diariamente expressas como número de infecções, número de pacientes em cuidados críticos e número de mortes, a Covid-19 transformou vidas em sumários matemáticos. Gráficos sobre isso foram configurados e países comparados considerando suas taxas de número de pessoas infectadas e taxas de mortalidade. Mas, aqueles que morreram não devem ser sumariados e esquecidos. Na qualidade de editores desse número especial, volume 2, dos *Cadernos de Psicologia*, queremos, modestamente, dedicar os trabalhos aqui apresentados a todos aqueles 700 mil brasileiros que foram perdidos pela Covid-19, que sempre serão por nós lembrados.

Como relatamos no prefácio da revista *Cadernos de Psicologia* (2022, volume 1, ver Gil, Rossini e Da Silva, 2022), dedicado aos Impactos da pandemia da Covid-19 na saúde mental,

\* Correspondência: Universidade Federal de São Carlos, Rod. Washington Luiz, s/n - Monjolinho, 13565-905, São Carlos, SP, Brasil

transcorridos pouco mais de três anos, todos tomaram conhecimento que, em algum lugar na mídia escrita e falada, bem como através dos periódicos especializados, um agregado de casos atípicos de pneumonia foi registrado na cidade de Wuhan, Província de Hubei, na China, em 31 de dezembro de 2019. Posteriormente, constatando-se que a doença era causada por um novo tipo de coronavírus, o SARS-CoV-2, identificou-se ser este o mesmo agente causador da síndrome respiratória aguda severa em uma nova linhagem, cuja composição genética era 79% similar à composição genética do SARS-CoV-2003. Nesta nova linhagem, o vírus passava a ocasionar a doença oficialmente declarada como COVID-19. Em 30 de janeiro de 2020, a COVID-19 foi declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um Problema Internacional de Emergência de Saúde Pública, dado que ela se disseminara para 20 países em apenas um mês. Em 11 de março de 2020, pelo fato de a COVID-19 ter apresentado um aumento de mais de 13 vezes no número de casos fora da China, já afetando 114 nações, e com 118.000 casos registrados, a OMS retificou a informação anterior, declarando o surto da COVID-19 como uma pandemia global.

Todos agora sabem que pandemias são epidemias em grande-escala afligindo milhões de pessoas em diferentes países, algumas vezes espalhando-se através do globo. A pandemia da Covid-19, assim exemplificada, apresentando, segundo Steven Taylor (2019) três elementos essenciais que caracterizam uma pandemia: 1) Presença de um agente infeccioso (vírus ou bactéria), 2) Inserção num meio ambiente dinâmico envolvendo fatores sociais, econômicos, psicológicos, educacionais, políticos, entre outros, que promovem, ou dificultam, as estratégias de enfrentamento por parte do hospedeiro, ou seja, as pessoas infectadas e, 3) Pessoas (hospedeiros), infectadas com maior ou menor gravidade. Em adição, ele afirma que nossa resistência à infecção depende da força do nosso sistema imunológico, mas igualmente importantes são os fatores psicológicos individuais e coletivos que influenciam como enfrentamos, ou reagimos, às ameaças ou à

infecção e, também, à maneira com que o vírus causador da pandemia se propaga (Taylor, 2019).

Preparação para o manejo de uma pandemia envolve considerável tempo e planejamento. Fruto do conhecimento adquirido com o enfrentamento de outras severas pandemias que nos grassou no passado, ceifando alguns milhões de pessoas, quatro métodos principais, independente de existirem vacinas ou não para o agente principal, e suas variantes, têm sido frequentemente utilizados para manejar, enquadrar, a propagação da infecção. São eles: 1) comunicação do risco, ou seja, educação pública, 2) vacinas e terapias antivirais, 3) práticas higiênicas comportamentais e 4) medidas restritivas, tais como isolamento social, com fechamento de ambientes que apresentem grandes agrupamentos de pessoas. Obviamente, para serem eficazes e duradouros, os fatores psicológicos desempenham um papel essencial no sucesso de cada um desses métodos.

Os efeitos de uma pandemia longa e incerta têm duas grandes facetas, tal como as faces de Juno. De um lado, é conhecido que as sequelas da Covid-19, especialmente os danos causados diretamente pela infecção do vírus, têm levado à várias complicações, ou mesmo a doenças neurológicas decorrentes de neuroinflamações do Sistema Nervoso Central (SNC)., acrescidas, estas, de uma infinidade de disfunções cognitivas e emocionais, bem como, sensoriais, como, por exemplo, a perda do olfato, gustação e, até mesmo, a perda da mobilidade motora e o acidente vascular cerebral. De outro, o estresse associado ao trabalho, a bloqueios e ao isolamento tanto físico quanto social, bem como, o distanciamento social e a quarentena prolongadas, enquanto respostas impostas pelas autoridades sanitárias e governamentais, comumente usadas para conter a disseminação do coronavírus (no caso presente, sua versão SARS-CoV-2), também afetando, substancialmente, a saúde mental humana, com diversos indicadores, tais como, ansiedade, depressão, medo, bem-estar subjetivo, espiritualidade, religiosidade, emoções positivas e negativas, entre outros, independente da etnia, raça, religião, idade e renda das mesmas. O que significa que a pandemia, qualquer que seja ela, é sempre dual.

Na realidade, podemos até avançar afirmando que os efeitos psicológicos (psychological footprint) da pandemia da Covid-19 serão, na maioria das pandemias, muito mais elevados, pronunciados, disseminados e mais duradouros que os efeitos puramente somáticos da infecção (medical footprint). A pandemia da Covid-19, como um experimento natural, sem consentimento prévio consentido e, tampouco, sem aprovação de qualquer comissão de ética, muito nos afetou, continua a nos afetar e muito nos afetará ao longo da bela jornada da vida, todavia. Sem perdão ao vírus.

Como todos sabem e ou vivenciaram, em menor ou maior intensidade, dependendo de nossas diferenças no grau de vulnerabilidade e ansiedade à saúde, a pandemia da COVID-19 já persiste por mais de três anos e tem sido reconhecido que suas sequelas têm levado à várias complicações, ou mesmo doenças neurológicas, incluindo efeitos diretos e indiretos sobre o sistema nervoso central (SNC). Há uma infinidade de evidências de déficits neurológicos, cognitivos e emocionais em pacientes com COVID-19. Sintomas neurológicos, como neuroinflamação, comprometimento cognitivo, perda de olfato e acidente vascular cerebral são efeitos diretos comuns entre indivíduos infectados pela SARS-CoV-2 e, em alguns casos, duradouros. De acordo com a OMS, são considerados casos de Covid longa aqueles em que os indivíduos, semanas após serem diagnósticos com Covid-19, apresentam sintomas que não podem ser explicados por um diagnóstico alternativo, mas que podem persistir desde a doença inicial, ou surgir depois da recuperação inicial, e impactar a rotina dos cidadãos.

Por sua vez, o estresse associado ao trabalho e a bloqueios e isolamentos, tanto físicos quanto sociais, bem como, o distanciamento social e a quarentena, enquanto respostas impostas pelas autoridades sanitárias e governamentais comumente usadas para conter a disseminação da SARS-CoV-2, também têm afetado substancialmente a saúde mental de grande parcela das populações, independentemente da idade. Certamente, tais emergências de saúde pública, muitas vezes ditas restrições impositivas ou autoritárias,

afetaram indivíduos e comunidades, resultando em reações emocionais e comportamentos não saudáveis. Além disso, ainda que, atualmente, as vacinas tenham sido amplamente distribuídas e administradas, em quase todos os tecidos sociais, ou populacionais, é claro e marcante que a hesitação às vacinas existe e persiste, o que pode ser devido a alguma forma de preocupação sobre a sua eficácia, contestação sobre os ensaios preliminares e à propagação exagerada e, na maioria das vezes, falsas, acerca dos efeitos adversos, ou colaterais, associados à vacinação.

A literatura científica contínua e imensa que se seguiu após a declaração da OMS sobre o início da Pandemia da Covid-19, revelou, nos quatro quadrantes do planeta, o impacto da Covid-19 no Sistema Nervoso Central (SNC) indicando não só os efeitos diretos e indiretos, além dos que persistem em curto prazo e em longo prazo, mas, também, os fatores que contribuem para o declínio na saúde mental das pessoas ao longo da pandemia da COVID-19, durante e após a administração da vacina. Além disso, também salientamos as razões para a hesitação vacinal e o porquê de alguns grupos de pessoas serem privados de vacinas. Em todos esses casos, alguns dos determinantes sociais da saúde mental, e seu impacto nas populações desfavorecidas em tempos de crise, podem ajudar os formuladores de políticas públicas a estabelecerem planos de ações para mitigar a turbulência da saúde mental da pandemia da COVID-19 durante este período e aquele que está por vir. Temos, inclusive, destacado, em várias palestras e cursos, ministrados ao longo dos últimos 3 anos pandêmicos, que a próxima década deveria ser denominada de Década da Saúde Mental, pois os problemas de saúde mental, relacionados à pandemia da COVID-19, continuam a se espalhar de forma rápida e invisível e, interessante, de forma semelhante à propagação do coronavírus: intensamente.

A literatura científica, invariavelmente também revelou que as medidas de saúde pública necessárias para incentivar o distanciamento social, e reduzir a propagação do coronavírus, levaram ao aumento do isolamento social. Nosso isolamento também se misturou com a excessiva

exposição à implacável cobertura da mídia acerca da pandemia. Nestas condições, a combinação de isolamento social, sobrecarga de informações e interrupções na vida cotidiana causaram sentimentos crescentes de luto antecipado, preocupação e ansiedade em todo o país. Além disso, o aumento da privação social, de taxas de desemprego e de dificuldades econômicas, causadas pela pandemia, estão potencialmente ligados com o aumento das taxas de suicídio.

Em adição, as crises de saúde pública pregressas também expuseram, e exacerbaram, as fraquezas do sistema de saúde, o que foi agravado pela pandemia da Covid-19 que repetiu a mesma exposição e exacerbação agora junto aos sistemas de apoio à saúde mental. Com isso, a pandemia do Covid-19 tem aumentado o estresse em um extremamente fragilizado sistema de saúde mental, criando novos desafios para uma faixa mais ampla de brasileiros vulnerabilizados, agravando a pós-pandemia com freqüentes ondas de crises na saúde mental. Nesse contexto foram inúmeras as vezes que destacamos a necessidade de estruturação dos programas de apoio à atenção em saúde mental em diferentes municípios, pequenos ou grandes, incluindo aqueles com suportes *online* por meio de telesaúdemental. Ambientes nos quais são importantes também a implementação de programas psicológicos de fomento e enriquecimento à resiliência afetiva e emocional.

Os trabalhos que estão inseridos neste volume 2 dos *Cadernos de Psicologia*, dedicado aos impactos diretos e indiretos da Pandemia da Covid-19, revelam, de imediato, que a crise de saúde global, especialmente a saúde mental dos brasileiros, provocada pela Covid-19, tem durado por mais tempo do que todos nós esperávamos. Com sua alta incerteza e controle limitado, a Pandemia da Covid-19 afetou todos nós brasileiros de norte a sul e de leste a oeste. Certamente, os estudos aqui sumariados mostram

muito, além disso, mas nos revelam, em adição, que as diferenças individuais existem originadas tanto dos fatores de personalidade, e dos fatores psicológicos sociais, como das diferenças econômicas, escolásticas, de atendimento à saúde e sociais que grassam por esta grande nação brasileira. Importante, os trabalhos aqui apresentados constituem apenas uma pequena amostra dos problemas provocados pela Pandemia da Covid-19 neste gigante chamado Brasil.

Estamos gratos aos inúmeros colegas e amigos pelo suporte e incentivo que nos concederam, e, particularmente, aos autores e aos revisores por redigirem, e revisarem, com atenção e precisão, os manuscritos que integram este número especial dedicado às reações afetivas, comportamentais e cognitivas decorrentes da Pandemia da Covid-19, que nos grassou, e continua nos afetando, por quase 3 anos. Ficaremos imensamente recompensados se este volume puder avançar o conhecimento psicológico acerca dos efeitos desta na saúde mental da população brasileira, e esperançosos de que este nos assista no enfrentamento adaptativo, ou resiliente, de doenças infecciosas vindouras. Por fim, queremos dedicar este volume *in memoriam* ao Prof. João Cláudio Todorov, amigo, cientista, professor, colaborador e grande incentivador e apoiador das Ciências do Comportamento e da Sociedade Brasileira de Psicologia, a SBP.

## Referências

- Norton, R. (2020). *The Covid-19 Catastrophe: What's gone wrong and how to stop it happening again*. Polity Press: Medford, MA, USA.
- Taylor, S. (2019). *The Psychology of Pandemics: Preparing for the Next Global Outbreak of Infectious Disease*. Cambridge Scholars Publishing: Lady Stephenson Library, Newcastle upon Tyne, NE6 2 PA, UK.